

PORQUÊ PORTUGAL E O MAR?

O mar fez Portugal. Foi a sua diferença e originalidade.

Foi o mar que deu a Portugal a dimensão e profundidade para criar laços para além dos horizontes peninsulares, sem os quais não teria resistido à pressão do estado central e mais poderoso da Península por tantos séculos.

Foi o mar que criou e cimentou as nossas alianças e entendimentos principais, desde Aragão e Génova no período medieval, a Tordesilhas nos séculos de ouro, à secular aliança (a mais antiga e duradoura do mundo) ou ao entendimento com os EUA nos tempos mais recentes.

Foi o mar que serviu para a relação de Portugal com o mundo, criando o primeiro sistema mundial, a inicial, mais forte e mais importante de todas as globalizações.

Foi o mar que permitiu a diáspora nacional, dando origem à realidade que ainda hoje se vive, com mais de 5 milhões de portugueses dispersos pelas sete partidas do mundo.

Foi o mar que compensou em larga medida a deficiência alimentar da agricultura nacional, dando-lhe um suplemento de proteínas que os portugueses iam arrancar a águas tão distantes como os bancos da Terra Nova e chegava salgado – com as lágrimas de Portugal, como garante o poeta – às aldeias mais remotas do interior, nenhuma a muito mais de duzentos escassos quilómetros do litoral.

Foi o mar que encheu a nossa ciência e cultura, desde os grandes poemas, ao fado, à pintura, à literatura ou à cosmografia, matemática e cartografia dos descobrimentos, as mais avançadas da sua época.

Sim, o mar fez Portugal ... mas os portugueses de hoje parecem, por vezes, ter esquecido esse ensinamento genético. É como se a lição do berço se tivesse perdido e o ruído intenso do tempo presente cobrisse de cinzas os tições que restam da chama de outrora. Como disse o grande poeta, é preciso que a *“aragem – ou desgraça ou ânsia”*, nos faça de novo conquistar a *“distância”*, *“do mar ou outra, mas que seja nossa!”* (Fernando Pessoa, Mensagem, Prece).

*

Talvez a “*distância*” esteja mais perto do que parece. Talvez ela não seja a “*outra*”, mas ainda e de novo ... o “*mar*” e, por isso, seja “*nossa*”.

Talvez ela seja a redescoberta do mar.

Portugal é o estado europeu com maior zona económica exclusiva marítima; detém, teoricamente, a riqueza de uma maior quantidade de quilómetros quadrados de mar por cada quilómetro quadrado de terra; continua a manter a soberania teórica sobre a zona marítima mais intensamente navegada do mundo; tem mais quilómetros de litoral do que de fronteira terrestre.

Isto acontece numa altura em que a Europa e o mundo se viram cada vez mais para o mar, como a fonte das grandes riquezas futuras, desde a energia aos recursos. Acontece numa altura em que o mar está já na base da maior actividade económica portuguesa – o turismo que, no caso de Portugal é em 90% uma mistura de mar + sol + segurança + hospitalidade, onde o mar é o componente mais importante. Acontece quando se faz um importante esforço de exploração da plataforma continental, base de qualquer acção futura e quando se fala de uma “*estratégia nacional para o mar*”. E tudo isto perante um país semi-apático, que permanece indiferente e adormecido perante as promessas futuras do seu berço passado.

Foi por isso que o IDN, ao lançar em novos moldes uma reflexão sobre estratégia, tinha de obrigatoriamente começar pelo mar.

Porque o mar não só fez Portugal. O mar fará Portugal. Ele pode ser a “*distância*” de que fala o poeta, o “*quinto império*” que de longe, perto chama. O mar é a diferença que faz ainda a nossa força.

António Telo
Fevereiro de 2009